

Períodos não narrativos

Períodos não narrativos

Canto I: 1-18, 105-106

Canto III: 140-143

Canto V: 92-100

Canto VI: 95-99

Canto VII: 1-14, 78-87

Canto VIII: 96-99

Canto X: 145-156

Podemos concluir que é um procedimento recorrente nesta obra parar de narrar para instituir um outro tipo de discurso.

Canto I

1-18: Já analisamos

105-106: [ler]

Contexto: momento em que Gama está perto do porto de Mombaça e é convidado para aportar.

Este trecho fala da pequenez humana, em um mundo adverso

É um trecho dissonante do tom geral de *Os Lusíadas*, em que é justamente a grandeza do homem português, que domina terra e mar, que é cantada.

Está intimamente vinculado com o que é dito antes: é como uma reflexão sobre o que está sendo narrado

Canto III

140-143: pode ser dividido em duas partes

140-1: os vários amores pecaminosos

142-3: a força do amor [ler]

Como no canto anteriormente analisado está intimamente vinculado ao que é narrado antes. Não pode ser considerado como um contracanto, mas devemos lembrar que o amor está praticamente ausente de *Os Lusíadas*, e que o narrador neste momento é Gama.

Canto V

92-100: pode ser dividido em quatro partes |

92-3: Glórias - como é bom ouvi-las

94 [ler]: introduz o problema do canto

95-6: os grandes capitães que também foram poetas

97-100: fala da necessidade dos poetas épicos [ler]

A ligação com o que estava sendo narrado é mais tênue: por Gama ter narrado os feitos dos portugueses Camões fala sobre a necessidade do canto e da existência dos poetas épicos.

Também aqui existe um certo descompasso entre este trecho e o restante do livro: Portugal é menor e pior que a Antiguidade.

Canto VI
95-9: [ler]

Está relacionado com o que estava sendo narrado (acabou de narrar a tempestade que Gama enfrentou antes de chegar a Calecute)

Mostra duas realidades: a dos que gozam uma fortuna já conseguida por outros e a dos que conseguem atingir a Fama por seus esforços. Podemos supor que é, implicitamente, uma crítica àqueles portugueses que, já tendo sido descoberto o caminho das Índias, usufruem da riqueza conseguida, sem realizar grandes feitos.

Canto VII

1-14: Diferentemente dos demais momentos, aqui temos como que um prosseguimento da ideologia dominante em *Os Lusíadas*. Camões exorta os povos cristãos da Europa para que sigam os exemplos dos lusitanos que, apesar de serem um povo pequeno, são o povo que mais luta contra os infiéis. Como veremos mais a frente existe um outro motivo para esta reflexão.

78-87: Pode ser dividido em três partes

78: introdução [ler]

79-82: a condição do poeta [ler]

82-87: conversa com as musas e diz que só cantará os que são realmente bons e valorosos, e não os demais

Está desvinculado do que vinha sendo narrado, sobre as aventuras de Gama nas Índias.

É claramente um canto dissonante: aquele que canta os grandes feitos dos lusitanos sofre por não ser protegido por ninguém. Também ,ao relacionar os que não cantará, Camões apresenta tipos de pessoas que existem em Portugal e que são, diferentemente dos grandes heróis, indignos. [ler 85, 4 versos finais]

Ao se definir como aquele que tem numa mão na pena e no outro a espada, mostra que a união entre o herói e aquele que canta os atos de heroísmo, combinação ausente no país, nele se concretiza.

Além disto transforma, pela símile da navegação, o seu feito de construir o poema em algo tão difícil e arriscado como a própria travessia de Gama. Existe a necessidade de heroísmo nas duas situações.

Canto VIII

96-9: Camões faz referência aos efeitos maléficos do dinheiro [ler 98-9]

Tem uma fraca ligação com o que é dito antes (a troca de Gama pelas mercadorias que trazia)

De novo mostra uma realidade que é o inverso da que vem cantando: não o aumento do “império da fé”, mas o torpe domínio do puro interesse.

Canto X:

145-56

145: A realidade portuguesa do momento, em tudo diferente do grande momento do passado[ler]

146-8: O quão excelentes são os portugueses

149-53: Conselhos a D. Sebastião

154-6: Fala de si e incita o rei a realizar grandes feitos[ler]

Conclusão geral

Os trechos não narrativos são, na maioria das vezes, um canto dissonante ao tom geral de *Os Lusíadas*, um discurso *disfórico*, em oposição ao discurso *eufórico* com que narra os grandes feitos portugueses. É algo totalmente novo em uma epopeia clássica, ligando-a de forma clara seja ao *tempo presente*, ao opor características menores deste tempo aos grandes feitos do passado, seja ao *tempo futuro*, esperando que nele estes grandes feitos voltem a ocorrer, para que de novo possam vir a ser cantados.

Em síntese:

discurso *eufórico* >< discurso *disfórico*

Passado

Presente

Futuro: espera de retomada dos valores passados

Instaura-se assim em *Os Lusíadas* uma certa esperança de que o futuro redima a pequenez presente, fazendo com que os valores passados sejam retomados